



**XX Colóquio Internacional de Gestão Universitária - CIGU 2021**

*Universidade frente aos desafios da Pandemia:  
Cenários Prospectivos para a Gestão Universitária*

Evento virtual  
24 e 25 de novembro de 2021  
ISBN: 978-85-68618-08-0



## **EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO DIRECIONAMENTO PARA INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO EM UM CONTEXTO GLOBAL**

**ALEXANDRE PINTO DA SILVA**

Universidade FUMEC

[alexandresilva.professor@gmail.com](mailto:alexandresilva.professor@gmail.com)

**HERMANN DE OLIVEIRA REGO**

Instituto de Gestão e Tecnologia da Informação (IGTI) / Universidade FUMEC

[hermann@hrcoaching.com.br](mailto:hermann@hrcoaching.com.br)

**DANILO DE MELO COSTA**

Universidade FUMEC

[daniomct@gmail.com](mailto:daniomct@gmail.com)

### **RESUMO**

Esta pesquisa visa, baseado em estudos já realizados envolvendo empreendedorismo e inovação, trazer reflexões envolvendo a importância da educação superior neste contexto, tendo como referência os continentes Ásia, África, América do Sul, América Central, América do Norte, Europa e Oceania. Adicionalmente, busca gerar informações sobre fatores que são comuns entre os continentes, trazendo também alguns cenários e desafios específicos de cada região e evidenciando as contribuições da educação superior. A pesquisa foi concebida como uma pesquisa de abordagem teórica e qualitativa, e delimitou-se a estudar os resultados e as práticas do empreendedorismo e da inovação, influenciadas pela educação superior nos continentes supracitados. A coleta de dados foi estruturada por meio da pesquisa bibliográfica, a partir de 10 estudos que abordaram o tema na perspectiva dos referidos continentes. A análise de dados foi estruturada por meio da análise de conteúdo categorial. Os resultados constataram que o investimento em inovação, empreendedorismo e educação superior são um necessário direcionamento para os países e continentes estudados, na busca de um progresso sustentável, sejam eles países classificados como desenvolvidos ou em desenvolvimento.

**Palavras chave:** Inovação, Empreendedorismo, Educação Superior, Globalização, Desenvolvimento.

## 1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais, fala-se – em âmbito nacional e internacional – sobre a importância da inovação para a perenidade das empresas. Há quase um consenso de que empresas que não inovam, muito provavelmente estarão fadadas ao encerramento de suas atividades em breve, seja pela concorrência, seja pela substituição de produtos de outrora, em outros produtos ou serviços mais eficientes e interessantes (SCHUMPETER, 1984).

Chamando um pouco menos a atenção, mas ainda assim com bastante relevância, há estudos que focam nas avaliações dos impactos gerados pelo empreendedorismo, na economia de cidades, estados ou de um ecossistema mais amplo. O quão relevante é, para a sociedade e economia, a movimentação gerada por empreendedores com suas novas – ou nem tão novas assim – empresas?

Esta dupla – empreendedorismo e inovação – comumente é abordada junta, e termos como “start ups”, “disrupção” dentre outros, passam a fazer parte do dicionário corporativo de forma cada vez mais frequente. Saindo da esfera meramente econômica e partindo para uma avaliação também geopolítica, passa a ser importante e interessante o conhecimento e o estudo do cenário do empreendedorismo, da inovação e da educação - como fomento de ambos – em uma perspectiva global (COSTA, BARBOSA, SILVA, 2012). Este estudo fatalmente poderia gerar diversas perguntas e *insights*, tais como:

“Qual seria o impacto da globalização no contexto da Inovação para o Empreendedorismo?”, “Qual é o cenário do empreendedorismo e/ou da inovação mundo a fora?”, “As características, as dores e as necessidades são as mesmas, ou há especificidades que precisam ser respeitadas e mapeadas em cada região?”, “Há características ou comportamentos regionais que eventualmente poderiam ser aproveitados ou derivados, para serem aplicadas em outras regiões?”, “É possível aprender com os erros e acertos alheios, guardadas as características específicas de cada região, para melhoria de um cenário local?”, “Neste cenário e contexto, qual seria a influência da educação, no cenário do empreendedorismo e da inovação?”

Esta pesquisa visa, baseado em estudos já realizados envolvendo empreendedorismo e inovação, trazer algumas reflexões envolvendo a importância da educação superior neste contexto, nos continentes Ásia, África, América do Sul, América Central, América do Norte, Europa e Oceania, através de um estudo aprofundado de artigos que versam sobre o tema. Adicionalmente, busca gerar informações sobre fatores que são comuns entre os continentes, trazendo também alguns cenários e desafios específicos de cada região e evidenciando como a educação superior pode contribuir neste contexto.

A literatura existente revela que a questão de saber se o empreendedorismo estimula o crescimento econômico, parece ter sido amplamente respondido nas economias desenvolvidas, mas o mesmo não pode ser dito sobre as economias emergentes e em desenvolvimento.

Foram analisados dez artigos sobre inovação e empreendedorismo, sendo um artigo relacionado ao continente asiático (LICUANAN, KAUSHIL, NEELANKAVIL, 2015), dois artigos relacionados ao continente africano (OJEAGA, 2015; ADUSEI, 2016), dois artigos que tratam das Américas do Sul e Central (OLAVARRIETA, VILLENA, 2014; PÉREZ, GAUDIN, 2014), um relatório global que trata da Oceania, com ênfase na Austrália (ACER, 2015), um artigo e um relatório global da América do Norte (TAMTIK, 2016; NAGER, ET. AL., 2016) e dois artigos que estudam o contexto da Europa (GROTHM, ESPOSITO, TSE, 2015; CRUZ-ROS, GARZÓN, MAS-TUR, 2017).

Os artigos trazem uma visão da situação da inovação e empreendedorismo nesses continentes, mostrando o quão é importante investir nessa questão, buscando parcerias com as universidades e o poder público, para um desenvolvimento sustentável destes locais.

Cada uma desses continentes e países possui grandes particularidades e diferenças, como cultura, religião, economia, entre outras, mas possuem em comum a necessidade da busca da inovação e do empreendedorismo para a melhoria, o desenvolvimento sustentável, ficando ainda mais claro essa necessidade quando comparado com outras regiões mais desenvolvidas, como Europa e Estados Unidos, que estão bem a frente quando se trabalho de inovação e empreendedorismo.

## 2. METODOLOGIA

Os aspectos metodológicos na confecção deste estudo elencam a tipologia da pesquisa realizada, seguida da delimitação do estudo, técnica de coleta de dados e a análise e tratamento dos dados coletados.

No tocante à tipologia da pesquisa, o trabalho foi concebido como uma pesquisa de abordagem teórica e qualitativa. Um estudo de abordagem teórica visa sistematizar o conhecimento a respeito do assunto que se deseja explorar (GIL, 1995), neste caso, a compreensão das estratégias de sete continentes do mundo (Ásia, África, América do Sul, América Central, América do Norte, Europa e Oceania) em termos de empreendedorismo e inovação, e o papel da educação superior neste contexto. A abordagem qualitativa se deu devido à compreensão e a interpretação dos dados colhidos por meio de pesquisa bibliográfica a respeito do presente tema.

No que se refere à delimitação do estudo, conforme mencionado, esta pesquisa delimitou-se a estudar os resultados e as práticas do empreendedorismo e da inovação, influenciadas pela educação superior na Ásia, África, América do Sul, América Central, América do Norte (ênfase no Canadá e Estados Unidos), Europa e Oceania (ênfase na Austrália). A Antártida não foi incluída por não se localizar estudos que convergiam com o objetivo da presente pesquisa.

A coleta de dados foi estruturada por meio da pesquisa bibliográfica ou de fonte secundária. Tal pesquisa se deu por meio da coleta de material já elaborado e publicado sobre o tema da pesquisa (MARCONI, LAKATOS, 1990). Os estudos selecionados para compor a presente pesquisa são apresentados no Quadro 1:

**Quadro 1:** Estudos utilizados na análise do empreendedorismo e inovação em uma perspectiva global.

CONTINENTE	AUTORES
Ásia	(LICUANAN, KAUSHIL, NEELANKAVIL, 2015)
África	(OJEAGA, 2015; ADUSEI, 2016)
América do Sul	(OLAVARRIETA, VILLENA, 2014)
América Central	(PÉREZ, GAUDIN, 2014)
América do Norte	(TAMTIK, 2016; NAGER, ET. AL., 2016)
Europa	(GROTHM, ESPOSITO, TSE, 2015; CRUZ-ROS, GARZÓN, MAS-TUR, 2017)
Oceania	(ACER, 2015)

Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise de dados foi estruturada por meio da análise de conteúdo categorial (BARDIN, 1977), onde as categorias de análise foram, respectivamente, “inovação”, “empreendedorismo” e “educação superior”. Buscou-se compreender os principais aspectos referente a estas categorias nos referidos estudos, para construção da análise que abordasse o tema em uma perspectiva global.

### 3. INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO EM UMA PERSPECTIVA GLOBAL

A presente seção busca compreender as perspectivas do empreendedorismo e inovação em uma perspectiva global, e o papel da educação superior neste contexto. Para tanto, inicia-se estudando o continente Ásia, seguido da África e posteriormente as Américas do Sul e Central. Depois, aprofunda-se na Oceania, com destaque para a Austrália, seguido da Europa e finalmente a América do Norte, com ênfase nos Estados Unidos e Canadá.

#### 3.1 ÁSIA

Na análise do artigo *“Entrepreneurship and Innovation Initiatives Among Asian Multinationals - A Cross-Country Analysis”* (LICUANAN, KAUSHIL, NEELANKAVIL, 2015), é feita uma análise do nível de inovação e a cultura empreendedora entre multinacionais asiáticas, limitando a pesquisa a três países: Índia, Filipinas e Indonésia.

Foi feita uma pesquisa com 193 executivos (baixo, médio e alto escalão) de algumas empresas situadas nestes países, com 32,2% de resposta. (Foram enviados 600 questionários), com a coleta de dados com duração de aproximadamente um ano.

No estudo ficou evidenciado que os países asiáticos (limitados aos três países da pesquisa) estão tentando promover a inovação como meio de introduzir novos produtos no mercado, mas que ainda falta muito para se chegar ao nível de países como os Estados Unidos.

As empresas asiáticas estão saindo da mentalidade tradicional de "seguidores", no que diz respeito à inovação, mas tentando ir na direção de progredir e atingir um nível mais sustentável dessas filosofias.

Ficou claro neste estudo que as empresas devem resolver específicas diferenças entre os países para que possam ser mais eficazes em seus negócios e estratégias, principalmente diferenças culturais. Uma forma de diminuir essas diferenças é o investimento na educação superior, promovendo a cultura da inovação e empreendedorismo nos cursos ofertados pelas instituições de ensino superior, diminuindo desta forma, as barreiras dificultadoras, principalmente barreiras culturais.

#### 3.2.ÁFRICA

Para o continente Africano, foram analisados dois artigos: *“Does Entrepreneurship Promote Economic Growth in Africa?”* (ADUSEI, 2016) e *“Can Africa’s Young Drive Innovation? Investigating the Effect of Entrepreneurial Innovation on Economic Growth in Africa”* (OJEAGA, 2015).

No primeiro estudo, Adusei (2016) investigou se o empreendedorismo possui relevância para o processo de crescimento em 12 países da África, sendo: Gana, Argélia, Botswana, Egito, Gabão, Lesoto, Ilhas Maurício, Senegal, África do Sul, Togo, Zâmbia e Nigéria.

A pesquisa foi dividida em duas partes: “Análise do nexa entre empreendedorismos e crescimento”, e “Outros determinantes do crescimento das economias”, usando dados de 2004 a 2011, baseando-se na disponibilidade das métricas exigidas para o estudo.

A pesquisa evidenciou que Nigéria e África do Sul se destacam positivamente no continente africano em relação ao empreendedorismo, mas o continente em geral ainda está com números muito baixo em relação a outros continentes, mesmo comparando com continentes que possuem países também em desenvolvimento.

Já no segundo estudo, Ojeaga (2015) focou na África Subsaariana, mostrando que a Inovação pode ainda ter um grande impacto em países que ainda não possuem um bom desenvolvimento industrial.

O método de estimativa utilizado na pesquisa foi a técnica de estimativa de quantis, esta se baseia na premissa de que a média amostral irá cobrir a média da população e os dados utilizados foram de 1960 a 2013.

A pesquisa mostrou que 41% da África Subsaariana é jovem, com idade de 0 a 24 anos.

Ficou evidenciado também que os jovens da África possuem mais escolaridade que seus pais, e que estes jovens estão mais propensos a trabalhar longas horas em “brainstorming”.

A discrepância ficou em relação ao registro de patentes, onde a África do Sul corresponde por 73% dessas patentes do continente.

Ficou evidente neste estudo a importância no investimento em educação, incluindo a educação superior, pois os países que mais se destacaram, África do Sul e Nigéria, são justamente os países que mais investiram e investem em educação, sendo considerados os países mais desenvolvidos no continente africano.

### 3.3. AMÉRICA DO SUL E CENTRAL

Em relação as Américas do Sul e Central, também foram analisados dois artigos: “*Innovation and business research in Latin America: An overview*” (OLAVARRIETA, VILENNA, 2014) e “*Science, technology and innovation policies in small and developing economies: The case of Central America*” (PÉREZ, GAUDIN, 2014).

No primeiro estudo, Olavarrieta e Vilenna (2014) realizam uma pesquisa sobre inovação e pesquisa de negócios, limitando aos países Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Paraguai, Peru e Uruguai.

Foram analisados alguns indicadores padrões, como Insumos de Pesquisa e Resultados de Pesquisa, mostrando que muitos países implementam políticas públicas e traçam estratégias visando o estímulo de crescimento de suas economias.

O crescimento per capita de longo prazo é igual à taxa de progresso tecnológico e a ascensão da indústria de P&D, ligando ciência e tecnologia que marca o início de um sustentável crescimento econômico durante o final do século 19.

Neste estudo é demonstrado, por exemplo, o destaque positivo da Costa Rica em P&D, justificado pela chegada da Intel no país em 1997, evidenciando o impacto positivo do setor privado na promoção da inovação (OLAVARRIETA, VILENNA, 2014).

No segundo estudo, Pérez e Gaudin (2014) focou em 06 países da América Central: Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá.

Esta pesquisa foi baseada em um questionário respondido por representantes de alto nível de governo dos países da América Central, conduzida entre 2011 e 2012.

A pesquisa evidenciou um fraco apoio político de alto nível para o desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação – CTI, além da ausência de planejamento de longo prazo e implementação contínua de políticas de CTI, além da falta de recursos financeiros e de cultura institucional para monitorar e avaliar programas e políticas, e também um baixo compromisso nacional com a CTI como fonte de desenvolvimento social e econômico, apesar de alguns países construíram um conjunto básico de instituições para promover o CTI.

Também foi constatada uma fraca coordenação entre as organizações públicas na formulação e implementação de políticas de CTI.

O estudo trouxe também que os sistemas financeiros da América Central não apoiam a inovação, e o sistema educacional não gera recursos humanos suficientes em termos de quantidade e qualidade. O lado positivo, conforme observado em Pérez e Gaudin (2014) é que países da América Central se destacam no tocante ao empreendedorismo e inovação, como por exemplo a Costa Rica e o Panamá.

Mais uma vez a importância do investimento em educação superior e desenvolvimento é evidenciado nesta pesquisa, e também como o poder público e o sistema financeiro deve investir para estabelecer um plano diretor, aproximar das universidades, investir em Ciência, Tecnologia e Inovação - CTI, para um desenvolvimento social e econômico sustentável.

#### 3.4. OCEANIA (COM ÊNFASE NA AUSTRÁLIA)

A Oceania é um continente composto por 14 (quatorze) países, com população aproximada de 37 milhões de pessoas, sendo que cerca de 60% da população está na Austrália, e outros 11 países são responsáveis por apenas 7% da população aproximadamente. Estes números mostram a representatividade geográfica, populacional e econômica da Austrália perante todo o continente, de certa forma justificando o fato de um estudo econômico australiano ser, em parte, considerado um estudo que demonstra o que há de mais relevante na região.

O relatório “*Global Entrepreneurship Monitor: GEM Australia*” (ACER, 2015) foi baseado em entrevistas com 2177 pessoas (Austrália), envolvendo a temática do empreendedorismo no país. Por meio deste estudo, foi possível observar que naquele momento, vislumbrava-se uma recuperação econômica, com participação importante de investidores informais em novos negócios e com cerca de 13% da população entre 18 e 64 anos iniciando novos negócios naquele ano, fazendo com que a Austrália se destacasse perante outras economias desenvolvidas, no que dizia respeito ao impacto das startups em outros negócios, participação da população em novos negócios e % de mulheres envolvidas no empreendedorismo. Adicionalmente, cabe destacar positivamente o volume de intraempreendedorismo observado no país, tanto no envolvimento com novos produtos, quanto com novos serviços.

Por outro lado, por meio da pesquisa foi possível observar alguns aspectos indesejados, tais como um % relevante de receio em empreender (39,2%), principalmente se comparado à Europa (37,8%) e aos Estados Unidos (29,7%). Naquele momento, constatou-se também uma pequena redução nas intenções de se empreender (diminuindo o percentual de 12% para 10%),

e um foco demasiadamente grande no mercado interno (4% apenas dos entrevistados, esperavam 75% dos clientes externos; os demais, focavam no mercado interno).

Percebeu-se ainda que a maior parte do empreendedorismo não estava ligado aos jovens, e sim a adultos da meia idade, e havia um montante importante de empreendedores que o fazia por necessidade (47%), e não por exploração de oportunidades. Esta constatação é, de certa forma, antagônica a outras, pois 46% das empresas vislumbravam um ecossistema favorável para novos negócios, e 47% entendiam ter conhecimentos necessários para fazê-lo (ACER, 2015).

Um fator observado e uma conclusão alcançada, é que a Austrália carece do envolvimento do empreendedorismo na educação. Isso gerou o entendimento de que a educação escolar correlacionada ao empreendedorismo é um direcionador chave para o aumento do empreendedorismo entre o jovem, o sucesso das iniciativas e a perpetuidade / continuidade do modelo.

A conclusão obtida pelo estudo é de que, naquele momento, a Austrália tinha uma visão positiva do cenário e das condições para empreender, sendo destaque mundial em algumas perspectivas, se comparada a outros continentes. Foi possível perceber um aumento considerável do empreendedorismo recente, e também da participação de empregados de empresas, no desenvolvimento de inovações e no intraempreendedorismo. Não obstante, era primordial que a Austrália buscasse aproximar o sistema de ensino fundamental ao empreendedorismo, além de fomentar maior participação de jovens no ecossistema, e de expansão para o mercado externo (ACER, 2015).

### 3.5. EUROPA

Para a Europa, foram considerados dois estudos. Um deles o “*What Europe Needs Is an Innovation-Driven Entrepreneurship Ecosystem: Introducing EDIE*” (GROTHM, ESPOSITO, TSE, 2015) e o outro “*Entrepreneurial competencies and motivations to enhance marketing innovation in Europe*” (CRUZ-ROS, GARZÓN, MAS-TUR, 2017).

Grothm, Esposito e Tse (2015) demonstraram um atraso da Europa se comparado ao contexto mundial, por uma conjunção de fatores que envolvia crescimento lento do PIB, déficit fiscal, alta dívida pública, taxas de câmbio inadequadas, interdependência global, sistema financeiro europeu incerto, baixa concorrência em serviços e fragmentação de mercados estratégicos. Por conta deste cenário, o texto defendia a impossibilidade de solução simplista ou específica no curto prazo, criticando ainda as ações ditas contingenciais ao longo do período (regulamentação e revisão de impostos); defendia ainda a inovação, mudança e empreendedorismo em um modelo sólido, sustentável, que seria gerado por meio de um ecossistema de inovação impulsionado pelo empreendedor.

No discorrer do estudo, são apresentadas características da diversidade de países do continente, em que é possível perceber um maior grau de inovação e competitividade nos países do norte, e um volume de inovação mais baixo nos países do sul. Nos países de destaque, era possível perceber um ciclo que a inovação gerava o crescimento da economia, que por sua vez atraía investimentos, que resultavam em maior eficiência e geração de oportunidades, reiniciando o ciclo novamente (GROTHM, ESPOSITO, TSE, 2015).

Assim, o sistema proposto, denominado “EDIE”, que é um acrônimo, deveria buscar um modelo de intervenção dinâmico e sistêmico, que focaria em aplicar a inovação em novas ideias e não em negócios já existentes, ou seja, mais focado em um cenário disruptivo. Este

ecossistema proposto, que seria aberto, contendo uma camada de governança, cooperação e equiparação hierárquica, demandaria apoio e investimentos públicos e privados, que geraria tendências de consumo, novas demandas e uma sustentabilidade do próprio modelo, por meio do crescimento doméstico e também internacional. Dado o viés participativo e colaborativo, a proposta envolvia o mapeamento dos stakeholders e a coleta das suas dificuldades, obstáculos, expectativas e necessidades, gerando um modelo resiliente e com agregação de valor a todos. Um exemplo de algo similar é o modelo adotado no Vale do Silício, no Oeste Norte Americano.

No entanto, Grothm, Esposito e Tse (2015) ressaltam a grande diferença cultural se comparada com países de destaque no cenário da inovação e empreendedorismo, a tratativa do “risco” como uma perda e não uma oportunidade, uma legislação que não incentiva investimentos e pune severamente falhas, e uma cultura ainda presa ao passado, que dificulta mudanças e respeita em demasia os preestabelecimentos praticados, dificulta sobremaneira a “mudança de mindset”.

De forma complementar, Cruz-ros, Gárzon e Mas-tur (2017) mapeou os perfis dos países usando o “*Global Entrepreneurship Monitor*”, a fim de permitir identificar quais combinações de competências e motivações dos empreendedores, impulsionavam a inovação de marketing que, por sua vez, contribuía para a definição e reforço de vantagens competitivas, estabelecimento de metas e desempenho de negócios.

Foram avaliados dados de 26 países europeus e concluiu-se que os países com a maior taxa de inovação de marketing são exatamente os países com economia mais próspera (norte europeu, tais como Dinamarca, Suécia e Alemanha). Nestes países, os empresários percebiam um maior número de oportunidades de negócio, se comparados aos empresários do leste europeu, que adentraram à União Europeia após 2004 e eram mais relutantes em abraçar este tipo de inovação. Por fim, de certa forma, o estudo reforça a divisão da Europa em países inovadores e países seguidores (CRUZ-ROS, GARZÓN, MAS-TUR, 2017).

É possível concluir que a diversidade cultural, o fato de se buscar uma mesma política para um bloco de países – com suas próprias necessidades e prioridades – e uma ausência de um mesmo conceito e prioridade, são barreiras enormes para que a Europa se mobilize e se destaque nos cenários envolvendo inovação e empreendedorismo. No meio de todos estes fatores, foi possível mapear também a necessidade de alteração do modelo de ensino, de que forma que o processo educacional envolva encorajamento à aprendizagem e construção de conhecimento, e não à perpetuação dos modelos já existentes.

### 3.6.AMÉRICA DO NORTE (ÊNFASE NO CANADÁ E ESTADOS UNIDOS)

No contexto da América do Norte, o estudo “*Policy coordination challenges in governments’ innovation policy: the case of Ontario, Canada*” foca em uma perspectiva existente no Canadá (TAMTIK, 2016) e o outro “*The demographics of innovation in the United States*” apresenta uma visão demográfica no cenário dos Estados Unidos (NAGER, ET. AL., 2016).

Tamtik (2016) realiza uma avaliação da perspectiva da província de Ontario (escolhida por ter uma política de inovação descrita, ser a província com maior quantidade de projetos de inovação, ser a maior província do país, ter a maior parte industrial e atividades de pesquisa em universidades). Este estudo envolveu entrevista com 32 profissionais do governo federal, governo provincial, indústria e Educação, bem como a leitura de toda a documentação e

legislação existente, e visava mapear os desafios da coordenação das políticas de inovação no governo, dada a complexidade de ter que contemplar as distintas partes interessadas envolvidas, esforços não sincronizados e um apoio coerente.

Este estudo qualitativo tinha como objetivo encontrar respostas para duas perguntas:

1. Quais são os principais fatores que moldam a coordenação de políticas entre os governos federal e provincial em Ontário?

2. Como esses fatores podem “informar” abordagens políticas coerentes e sistêmicas no sistema de inovação do Canadá?

Ao longo do estudo, foram mapeados os problemas do modelo (descentralização regional, sobreposição de papéis, má comunicação entre as esferas governamentais envolvidas, financiamentos que envolviam diversas áreas, perspectivas e necessidades diferentes do governo federal, se comparado com o governo da província, e difícil navegação neste complexo “sistema”, por parte das empresas privadas e instituições de ensino, gerando muita dificuldade para conclusão das ideias e perda de iniciativas (TAMTIK, 2016).

Por meio das respostas à pesquisa, foi possível constatar dificuldades em diversas esferas, tal qual o quadro 2, que traz algumas delas:

**Quadro 2:** Dificuldades no tocante a empreendedorismo e inovação - Canadá

SISTEMA FEDERAL	ADMINISTRAÇÃO DO PROCESSO DE COORD. POLÍTICA	PARTES INTERESSADAS
Limita a capacidade de coordenação	Processo confuso	Expectativas diferentes entre as partes
Províncias com prioridades e visões distintas	Competição pelo poder entre as partes	Demanda por maior empatia entre as partes e visão do todo
Investimento parcial em iniciativas globais (o resto é das províncias)	Falta de estrutura formal clara para gerenciamento das partes interessadas	Melhor compreensão das decisões envolvendo financiamento
Determina visão mas não tem poder legal de influenciar as políticas locais	Ausência de mecanismos devido à outras prioridades / falta de foco	Necessidade de isenção de ideologias políticas
Falta de comunicação vertical X hierarquia de poder vertical que não contribui para a inclusão	Falta de interesse político em investir tempo e dinheiro, já que os resultados não serão imediatos	Falta de visão, cultura, confiança, visibilidade política, confusão quanto a autoridade, dificultam o processo

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Tamtik (2016).

Conclui-se com o estudo, dentre outros fatores - que há uma necessidade de revisão do modelo atual, de forma que haja uma maior clareza de responsabilidades e hierarquia entre os poderes, uma maior capacitação para os atores envolvidos, a fim de se ter um melhor gerenciamento das políticas entre as partes interessadas, e a necessidade de se realizar maiores e mais profundos estudos para criar uma coordenação mais abrangente de políticas. Adicionalmente, fica clara a necessidade de ter uma maior participação das empresas privadas no processo, de forma a serem protagonistas e, também, serem menos dependentes da relação de pesquisa e fomento à inovação, que hoje fica muito sob a responsabilidade das instituições de ensino, subordinadas às províncias.

Já Nager et. al., (2016) aborda os Estados Unidos a partir de uma série de mapeamentos e tabelas que visam gerar uma radiografia demográfica da inovação no país.

Por meio deste estudo, é possível perceber claramente a diferença e a disparidade social Norte Americana. Os entrevistados (mais de 500) demonstraram que a participação no ecossistema da inovação ainda é majoritariamente composta por homens americanos brancos. A participação feminina ainda é muito tímida e segregada em nichos específicos (química, biologia, etc (*life sciences*)), assim como também é pouco representativa, a participação de americanos de origem negra, hispânica, asiática ou multirracial.

Claramente percebe-se um comportamento de importação de mão de obra qualificada, para participação em iniciativas de inovação em instituições de ensino públicas e privadas, com destaque para chineses e indianos em um patamar volumétrico mais alto, e canadenses, britânicos e alemães em um segundo nível. Outros países têm participação praticamente irrelevante no processo (NAGER, ET. AL., 2016).

Percebe-se, ao longo do tempo, um tímido movimento de aumento da participação das minorias, mas ainda é percebido um estágio recente extremamente longe de um contexto de igualdade. É possível ainda ver pelo estudo que o envolvimento com a inovação ainda está segregado em poucos estados do país, com destaque para alguns estados da costa nordeste americana.

O estudo leva à conclusão de que, a despeito dos Estados Unidos serem os líderes e o destaque mundial, há uma correlação direta entre a liderança em inovação, e a liderança econômica. Neste contexto, ainda há diferentes segmentos da população que inovam em taxas diferentes e que o sucesso está ligado ao conhecimento em matemática, ciências, tecnologia e engenharias. O governo precisará se esforçar para continuar fomentando a educação, realizando pesquisas e investido em educação, ao passo que precisa apoiar na ampliação da força de trabalho para maior produtividade, inovação e competitividade, com maior participação feminina e de minorias, com imigrantes qualificados e cientistas internos altamente qualificados (NAGER, ET. AL., 2016).

#### 4. CONCLUSÃO

De acordo com os estudos, pode-se concluir que o mundo anseia para que os países sejam protagonistas em seus desenvolvimentos, e que a inovação e empreendedorismo são a “chave” para um desenvolvimento sustentável.

Licuanan, Kaushil e Neelankavil (2015) demonstraram que a visão dos trabalhadores nas empresas asiáticas está mudando em relação à inovação, como uma ferramenta necessária para a sustentabilidade.

Há uma clara mudança de percepção de empresas asiáticas, sendo estas passando de “seguidoras” de inovação em empreendedorismo para desenvolvedoras. Fatores culturais e religiosos ainda são muito fortes, principalmente na Ásia e África, e devem ser sempre levadas em consideração no desenvolvimento de projetos.

Em relação a África, Ojeaga (2015) e Adusei (2016) demonstraram que o empreendedorismo tem um forte impacto positivo no crescimento econômico, porém, esse empreendedorismo carece de força para promover o crescimento econômico, fazendo com que o empreendedorismo seja mais formal do que informal. Foi possível concluir também que o empreendedorismo no continente africano é extremamente baixo.

Vários fatores ainda são hostis ao empreendedorismo na África, como a estrutura pobre, falta de capital humano e financeiro, políticas inapropriadas, entre outras. Todavia, como já abordado, os destaques positivos vão para a África do Sul e Nigéria, que possuem algum desenvolvimento em inovação e empreendedorismo.

Em relação às Américas, Olavarrieta e Villena (2014) mostraram que na última década houve um crescente reconhecimento nos formuladores de políticas da América Central sobre Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI).

No caso da América Central, Pérez e Gaudin (2014) elucidaram que os governos centro-americanos criaram organizações e instituições públicas de apoio à CTI, como leis, planos nacionais e uma ampla variedade de instrumentos de política. O estudo identificou oito barreiras enfrentadas por esses governos ao projetar e implementar políticas de CTI.

Na América Central, por um lado, as políticas econômicas atuais são mais semelhantes às políticas industriais ativas (incluindo ciência, tecnologia e inovação). Por outro lado, os instrumentos de política de CTI não estão mais exclusivamente focados no desenvolvimento de recursos dos componentes de forma isolada e não coordenada.

Foi possível também observar que há problemas a serem trabalhados em todos os lugares do planeta. Mesmo nos Estados Unidos, tidos como referência, há situações que precisam ser tratadas e observadas.

Nas discussões que envolvem uma política que propicie um ecossistema mais adequado e propicio à inovação, as dificuldades perpassam por questões culturais, diversidade de partes interessadas e dificuldade de consenso (seja na Europa, seja no Canadá).

Em praticamente todos os estudos, é possível perceber elementos que remetam à consciência de que a inovação é fundamental para a subsistência e sucesso futuro das nações envolvidas, demandando das mesmas – portanto – boa dose de atenção. Apesar desta consciência, construir planos, cenários e sistemas que funcionem é complexo e quase sempre não há sucesso.

Também é possível entender a participação das universidades no processo de inovação e empreendedorismo e a força do seu relacionamento com os governos, enquanto agente realizador das políticas e estratégicas públicas, tanto quanto sua relação com as empresas privadas, que vão muitas das vezes aplicar estes conhecimentos em produtos e serviços de fato inovadores que chegarão ao alcance da população em geral. Neste pensamento sistêmico, é viável perceber em todos os textos mencionados, a preocupação com a reformulação e/ou melhoria dos sistemas de ensino, seja para adicionar conteúdo e disciplinas de empreendedorismo nas escolas de ensino médio (Austrália), seja para fomentar uma cultura de maior tolerância ao erro e construção contínua do aprendizado (Europa), seja para viabilizar um processo mais amplo e democrático de ensino especializado e de qualidade à população, permitindo que parcelas menos privilegiadas também contribuam com o processo e melhorem seu posicionamento no cenário interno (Estados Unidos).

No que tange as perguntas feitas no início deste estudo, é possível perceber o impacto da globalização no contexto da Inovação para o Empreendedorismo e inclusive a comparação entre as diversas regiões, a despeito de cada local buscar uma estratégia e ter seu próprio foco e objetivo. O cenário do empreendedorismo e da inovação é diverso e muito desafiador nos continentes estudados, sendo que todos eles possuem desafios. As características e as necessidades são distintas, mas é possível perceber aspectos comuns ou similares,

principalmente ligados às dificuldades culturais, estruturas de governança e coordenação de políticas comuns. Há também características ou comportamentos regionais, e percebe-se inclusive a busca por adotar modelos já usados em outras localidades, como parte da solução para problemas específicos, possibilitando certa dose de benchmarking. Por fim, pode-se evidenciar que a educação é parte fundamental tanto no cenário atual, quanto no sucesso futuro de iniciativas de inovação e empreendedorismo, cabendo a cada país ou região estudada, avaliar os ajustes necessários para seu estágio de maturidade e necessidade atual e futura.

Fica então a constatação que o investimento em inovação e empreendedorismo, juntamente com o investimento em educação são um necessário direcionamento para os países e continentes estudados, na busca de um progresso sustentável, sejam eles países classificados como desenvolvidos ou em desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

ACER. *Global entrepreneurship monitor: GEM Australia - 2014 National Report. The Australian Centre for Entrepreneurship Research*, Australian Government, Brisbane, 2015.

ADUSEI, Michael. Does Entrepreneurship Promote Economic Growth in Africa? *African Development Review*, Vol. 28, No. 2, p. 201–214, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 1977.

COSTA, D. M.; BARBOSA, F. V.; SILVA, C. H. Empreendedorismo e Inovação: A Educação Superior como papel determinante nas Economias Mundiais. *Revista Innovare*, v. 2, p. 1-27, 2012.

CRUZ-ROS, Sonia; GARZÓN, Dolores; MAS-TUR, Alicia. Entrepreneurial competencies and motivations to enhance marketing innovation in Europe. *PsycholMark*, n. 34, p. 1031–1038. 2017.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1995

GROTHM Olaf J.; ESPOSITO, Mark; TSE, Terence. What Europe Needs Is an Innovation-Driven Entrepreneurship Ecosystem: Introducing EDIE. *Thunderbird International Business Review*, Vol. 57, No. 4 July/August, p. 263-269. 2015.

LICUANAN, Victoria S.; SENGUPTA, Kaushik.; NEELANKAVIL, James P. Entrepreneurship and innovation initiatives among Asian multinationals: A cross-country analysis. *International Journal of Commerce and Management*, Vol. 25 Issue: 1, p. 67-83, 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. *Técnicas de Pesquisa*. 2ed. São Paulo: Editora Atlas, 1990.

NAGER, Adams; HART, David. EZELL, Stephen; Atkinson, ROBERT D. *The demographics of innovation in the United States*. Information Technology & Innovation Foundation. 2016.

OLAVARRIETA, Sergio; VILLENA, Mauricio G. Innovation and business research in Latin America: an overview. *Journal of Business Research*, n. 67 , 2014, p. 489–497.

OJEAGA, Paul I. Can Africa's Young Drive Innovation? Investigating the effect of entrepreneurial innovation on economic growth in Africa. *Journal of Applied Quantitative Methods*. Vol. 10, No. 4, p. 15-26, 2015.

PÉREZ, Ramón Padilla., GAUDIN, Yannick. Science, technology and innovation policies in small and developing economies: the case of Central America. *Research Policy*, n. 43, p. 749–759. 2014.

SCHUMPETER, Joseph Alois (1942). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

TAMTIK, Merli. Policy coordination challenges in governments' innovation policy: the case of Ontario, Canada. *Science and Public Policy*, 44(3), p. 417–427, 2017.